

LISA KLEYPAS

UM ESTRANHO NOS
meus braços



ARQUEIRO

UM ESTRANHO NOS
meus braços

Título original: *Stranger in my arms*

Copyright © 1998 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Priscila Cerqueira

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: Kamil Akca / Arcangel

impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72e

Kleypas, Lisa

Um estranho nos meus braços / Lisa Kleypas ; tradução Ana Rodrigues. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2023.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Stranger in my arms*
ISBN 978-65-5565-438-7

1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

22-81052

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Capítulo 1

— Lady Hawksworth, seu marido não está morto. Lara encarou James Young sem piscar. Tinha certeza de que não havia escutado direito o que o administrador da propriedade acabara de dizer... ou talvez ele estivesse embriagado, embora, até onde sabia, o homem não fosse chegado a bebedeiras. Era possível que tivesse ficado um pouco perturbado por ter que trabalhar para os atuais lorde e lady Hawksworth. Depois de algum tempo, eles com certeza deixavam qualquer um louco.

— Sei que isso é um grande choque para todos vocês — continuou Young, muito sério. A preocupação cintilou em seus olhos, por trás dos óculos. — Principalmente para milady.

Se a notícia viesse de uma fonte menos confiável, Lara a teria ignorado sem pestanejar. No entanto, James Young era um homem responsável e cauteloso, que servia à família Hawksworth havia pelo menos uma década. E que, desde a morte do marido dela, vinha fazendo um excelente trabalho na administração da propriedade, por mais escassa que fosse a preciosa quantia a administrar.

Arthur, lorde Hawksworth, e sua esposa, Janet, também encaravam Young como se duvidassem da sua sanidade. Eram um casal muito semelhante fisicamente — ambos louros, altos e magros. Embora tivessem dois filhos, os meninos tinham sido mandados para estudar em Eton e raramente eram vistos ou sequer mencionados. Arthur e Janet pareciam ter apenas uma coisa em mente: desfrutar da riqueza e da posição social recém-descobertas da forma mais extravagante possível.

— Que absurdo! — explodiu Arthur. — Como você ousa nos abordar com uma tolice dessas? Explique-se agora mesmo.

— Muito bem, milorde — retrucou Young. — Ontem recebi a informação de

que uma fragata chegou recentemente a Londres, trazendo um passageiro bastante curioso. Parece que ele guarda uma semelhança impressionante com o falecido conde. – O homem lançou um olhar respeitoso a Lara antes de acrescentar: – E esse homem alega ser lorde Hawksworth.

Arthur soltou uma gargalhada debochada. Seu rosto fino, marcado por linhas profundas de cinismo, adquiriu um tom vívido de vermelho. O nariz adunco se crispou em uma expressão irritada.

– Essa farsa é um ultraje! Hawksworth morreu há um ano. É impossível que tenha conseguido sobreviver a um naufrágio na região de Madras. Meu Deus, o barco literalmente se partiu ao meio! Todos a bordo morreram. Está me dizendo que, de algum modo, meu sobrinho conseguiu sobreviver? Esse homem deve ser um lunático se acha que algum de nós acreditará nele.

Janet cerrou os lábios finos.

– Logo provaremos que se trata de um impostor.

Irritada, ela alisava a escura barra de renda Vandyke – de pontas afiadas como dentes – que enfeitava o corpete e a cintura do vestido de seda verde-esmeralda.

Young ignorou o desdém furioso dos Crosslands e se aproximou da viúva. Larissa estava sentada em uma poltrona de madeira dourada, perto da janela, com os olhos fixos no tapete que cobria o chão. Como tudo mais no castelo Hawksworth, o tapete persa era opulento ao nível do mau gosto, com seu fantástico padrão de flores surreais se derramando de um vaso em estilo chinês. A ponta gasta de um sapato de couro preto se projetava por baixo da bainha do vestido de luto que ela usava, enquanto Larissa traçava distraidamente o contorno de uma flor vermelha com o pé. Parecia perdida em pensamentos, e não reparou na aproximação de Young até ele estar à sua frente. Ela endireitou o corpo de repente, como uma criança ao ser reprimida, e ergueu os olhos para o rosto do administrador.

Mesmo no vestido de bombazina escura, de gola alta e imaculado como o hábito de uma freira, Larissa Crossland ainda exibia uma beleza suave e elegante. Com os cabelos negros como zibelina parecendo sempre prestes a se soltar dos grampos, olhos lânguidos, de um verde pálido, era uma mulher impressionante. No entanto, sua aparência não provocava ardor. Larissa com frequência era admirada, mas nunca disputada... nunca era alvo de flertes ou de olhares de desejo. Talvez fosse pelo modo como usava a simpatia como arma, se é que algo assim era possível, mantendo todos a distância.

Muitos na cidade de Market Hill viam Lara quase como uma santa. Uma mulher com aquela aparência e posição social poderia ter conseguido um segundo marido rapidamente, mas Lara escolhera permanecer viúva e se envolver em trabalhos filantrópicos. Era sempre gentil e compassiva, e sua generosidade se estendia tanto aos nobres quanto aos necessitados. Young nunca ouvira lady Hawksworth pronunciar uma só palavra indelicada a respeito de ninguém – nem sobre o marido, que praticamente a abandonara, nem sobre os parentes, que a tratavam com uma mesquinha desprezível.

Mas, apesar de toda essa aparente serenidade, havia algo perturbador naqueles olhos verdes translúcidos. Uma turbulência silenciosa que insinuava emoções e pensamentos que ela nunca ousava expressar. Até onde Young sabia, Larissa decidira se contentar em viver indiretamente, através das pessoas ao seu redor. Com frequência diziam que ela precisava de um companheiro. No entanto, ao que parecia, ninguém conseguia pensar em um único cavalheiro que fosse apropriado para ela.

Aquilo sem dúvida era bom, caso se confirmasse que o falecido conde, na verdade, estava mesmo vivo.

– Milady – murmurou Young em um tom contrito –, não tive a intenção de perturbá-la. Mas achei que a senhora gostaria de ser informada imediatamente em relação a qualquer assunto que diz respeito ao falecido conde.

– Há alguma chance de que isso seja verdade? – sussurrou Lara, o cenho franzido.

– Não sei. – Foi a resposta cuidadosa de Young. – Como nunca encontraram o corpo do conde, suponho que haja uma chance de que ele...

– É claro que não é verdade! – exclamou Arthur. – Vocês dois enlouqueceram? – Ele afastou Young do caminho, assumiu uma expressão protetora e pousou a mão no ombro estreito de Lara. – Como esse patife ousa fazer lady Hawksworth passar por tamanho sofrimento? – inquiriu, com o máximo de falsa piedade que conseguiu encenar.

– Estou bem – declarou Lara, enrijecendo o corpo ao sentir o toque dele.

Ela franziu o cenho, afastou-se e foi até a janela, ansiando por escapar da sala de estar excessivamente decorada. As paredes eram cobertas de seda fúcsia, com arabescos dourados pesados, e os cantos da sala eram ocupados por vasos de palmeirinhas exóticas. Cada centímetro disponível parecia ter sido usado para expor uma coleção do que Janet chamava de “mimos”, uma mistura de árvores e pássaros de vidro cobertos por redomas protetoras.

– Cuidado! – exclamou Janet com rispidez, quando as saias pesadas de Lara roçaram na lateral do aquário que repousava sobre um tripé de mogno, fazendo com que ele balançasse.

Lara abaixou os olhos para a dupla de peixinhos dourados de aparência desamparada, nadando no aquário, então encarou o rosto estreito e franzido de Janet.

– Eles não deveriam estar próximos da janela – Lara se ouviu murmurar para si mesma. – Não gostam de luz em excesso.

Janet deixou escapar uma risada de desdém.

– Ah, estou certa de que você fala com propriedade – retrucou em um tom ácido.

Lara teve certeza de que Janet faria questão de manter os peixes exatamente onde estavam.

Suspirando, Lara voltou os olhos para os campos que cercavam o castelo Hawksworth. O terreno que se estendia desde a antiga fortaleza normanda abrigava bosques de nogueiras e carvalhos, e era entrecortado por um rio largo e caudaloso. O mesmo rio garantia água para o moinho e um canal de navegação para a cidade vizinha de Market Hill, que era um porto cheio e próspero.

Um bando de patos-reais pousou no lago artificial em frente ao castelo, atrapalhando o deslocamento régio de um par de cisnes. Além do lago, havia uma estrada que levava à cidade e uma antiga ponte de pedra, conhecida pelos locais como “a ponte dos condenados”. Dizia a lenda que o próprio diabo havia colocado a ponte ali, com a intenção declarada de recolher a alma do primeiro homem que a atravessasse. Segundo contavam, o único que ousou pôr os pés na ponte foi um ancestral dos Crosslands que, desafiando o diabo, se recusou a entregar sua alma. O diabo, então, amaldiçoou todos os seus descendentes, condenando-os a sempre terem dificuldade em gerar herdeiros homens que levassem a linhagem da família adiante.

Lara quase conseguia acreditar na lenda: todas as gerações de Crosslands tiveram poucos filhos, e a maior parte dos homens havia morrido relativamente jovem. Incluindo Hunter.

Com um sorriso triste, Lara se forçou a voltar ao presente e virou-se para o Sr. Young. Ele era um homem pequeno e esguio, e seu rosto ficava quase ao nível do dela.

– Se esse estranho for mesmo o meu marido – começou ela com calma –, por que não voltou para casa antes?

– De acordo com o relato dele, milady – respondeu Young –, ele ficou boiando por dois dias no mar após o naufrágio. Então, foi resgatado por um barco de pesca que estava a caminho da Cidade do Cabo. Ele foi ferido durante o naufrágio e perdeu a memória... não sabia nem o próprio nome. Alguns meses depois, recuperou a memória e voltou para a Inglaterra.

Arthur soltou uma risadinha desdenhosa.

– Não se lembrava do próprio nome? Nunca ouvi falar de uma coisa dessas.

– Aparentemente, é possível – retrucou o administrador. – Conversei a respeito com o Dr. Slade, o médico da família, e ele confirmou que já foram relatados casos assim, embora sejam raros.

– Que interessante – comentou Arthur, sarcástico. – Não me diga que você está dando algum crédito a esse impostor, Young.

– Nenhum de nós pode determinar a verdade até que esse homem seja interrogado por quem conhecia bem Hawksworth.

– Senhor Young – disse Lara, tentando disfarçar sua agitação –, o senhor conviveu com meu marido por muitos anos. Eu ficaria grata se fosse a Londres e se encontrasse com ele. Mesmo se esse homem não for o falecido conde, parece que pode estar perturbado e precisando de ajuda. Temos que fazer alguma coisa por ele.

– Só a senhora mesmo, lady Hawksworth – comentou Young. – Eu me arrisco a dizer que a maioria das pessoas não conceberia a ideia de ajudar um estranho que estivesse tentando enganá-las. A senhora é realmente uma boa mulher.

– Sim – concordou Arthur, com ironia. – A viúva do meu sobrinho é a santa padroeira dos pedintes, dos órfãos e dos cães sem dono. Não consegue resistir a dar o que tem para os outros.

– E foi por isso que resolvemos não complementar a renda anual que Lara recebe – acrescentou Janet. – O dinheiro extra escorreria pelo ralo, já que até um bebê parece capaz de tirar vantagem dela. Lara dá tudo que tem para aquele orfanato caindo aos pedaços.

Lara sentiu o rosto arder diante dos comentários depreciativos.

– Os órfãos precisam muito mais do dinheiro do que eu – falou. – Eles precisam de muitas coisas que outras pessoas podem oferecer sem que lhes seja custoso.

– Assumi a responsabilidade de preservar a fortuna da família para as

gerações futuras – retrucou Arthur, irritado. – Não para desperdiçá-la com crianças sem pai nem mãe.

– Muito bem – apressou-se a interceder Young, interrompendo a discussão que ameaçava se estender. – Se todos estiverem de acordo, partirei para Londres junto com o Dr. Slade, que conhecia o falecido conde desde o nascimento. Vamos ver se há alguma verdade nas alegações desse homem. – Ele dirigiu um sorriso tranquilizador a Lara. – Não se aflija, milady. Tenho certeza que tudo vai dar certo.



Aliviada por escapar da presença dos Hawksworths, Lara voltou para o antigo chalé do guarda-caça, que ficava a certa distância do castelo, pela margem do rio, cercada por salgueiros. O chalé era bem diferente da casa de madeira em estilo elisabetano, situada na entrada da propriedade e que já fora usada para alojar hóspedes ou parentes em visita. Infelizmente, o interior tinha sido arruinado por um incêndio no ano anterior, quando um visitante descuidado derrubara um lampião a óleo e pusera fogo no lugar.

Arthur e Janet não tinham visto motivo para restaurar a casa de madeira e decidiram que o chalé seria suficiente para atender às necessidades de Lara. Ela poderia ter apelado para a generosidade de outros parentes, que talvez tivessem lhe oferecido acomodações mais confortáveis, ou poderia até ter aceitado a oferta da sogra de assumir o papel de dama de companhia em suas viagens, mas prezava demais sua privacidade. Era melhor permanecer próxima dos lugares que conhecia e dos amigos, apesar dos desconfortos do chalé.

As paredes de pedra eram escuras e úmidas, com um cheiro de mofo que se recusava a ceder, por mais que fossem limpas. Era raro que um mísero raio de sol entrasse pela única janela. Lara tentara tornar o local mais habitável cobrindo uma das paredes com uma colcha de retalhos e decorando-o com algumas peças simples de mobília rejeitadas de Hawksworth Hall. A poltrona perto do fogão a lenha era coberta por uma manta azul e vermelha que fora tricotada por algumas das meninas mais velhas do orfanato. Havia uma salamandra entalhada perto da lareira, presente de um homem idoso da cidade, que garantira que o objeto protegeria o chalé de qualquer mal.

Já sozinha em casa, Lara acendeu uma vela de sebo e ficou parada diante

da luz esfumaçada e trêmula. De repente, sentiu um forte tremor no corpo inteiro.

Hunter... vivo. Não poderia ser verdade, é claro, mas a mera ideia a encheu de desconforto. Lara foi até a cama estreita, ajoelhou-se no chão e estendeu a mão por baixo das cordas que sustentavam o colchão até encontrar um pacote embrulhado em tecido. Ela desdobrou o pano e se viu diante de um retrato emoldurado do falecido marido.

Arthur e Janet haviam lhe oferecido a pintura como uma demonstração de generosidade, mas Lara sabia que, na verdade, os dois só estavam ansiosos para se livrar da lembrança do homem que ostentara o título antes deles. Ela também não queria o retrato, mas o aceitara, admitindo para si mesma que Hunter era parte do seu passado. Ele havia mudado o curso da vida dela. Talvez algum dia, quando o tempo suavizasse as lembranças, Lara pendurasse o retrato à vista de todos.

A pintura mostrava um homem de corpo firme, ossos largos, na companhia dos cães, com uma das mãos grandes pousada casualmente ao redor de sua espingarda favorita. Hunter fora um belo homem, com cabelos castanho-dourados, olhos castanho-escuros intensos e uma expressão de perpétua arrogância.

Haviam se passado três anos desde que ele partira de navio para a Índia, em uma missão semidiplomática. Como acionista minoritário da Companhia das Índias Orientais, e sendo detentor de certa influência política, Hunter fora designado como conselheiro dos administradores da Companhia naquele país.

Na verdade, ele fora um dos muitos homens ansiosos para se juntarem ao enorme grupo de estrangeiros ociosos em Calcutá. Eles viviam como reis lá, divertindo-se em festas e orgias intermináveis. Dizia-se que cada casa contava com pelo menos uma centena de criados, que cuidavam de cada detalhe do conforto dos patrões. Além disso, a Índia era o paraíso dos homens que gostavam de caçar, oferecendo uma abundância de opções exóticas – o que era irresistível para alguém como Hunter.

Ao se lembrar do entusiasmo do marido com a partida iminente, os lábios de Lara se curvaram em um sorriso triste. Hunter estava ansioso para deixá-la. A Inglaterra já não o animava, e o mesmo valia para o casamento. Não havia dúvida de que ele e Lara não formavam um bom casal. Uma esposa, dissera Hunter a ela certa vez, era um aborrecimento necessário,

útil apenas para gerar filhos. À medida que Lara não concebia, Hunter foi ficando profundamente ofendido. Para um homem que se orgulhava de sua força e virilidade, era difícil aceitar a ausência de uma prole.

O olhar de Lara se desviou para a cama, e ela sentiu um embrulho no estômago ao se lembrar das visitas noturnas de Hunter, do corpo pesado esmagando o dela, da invasão dolorosa que parecia nunca ter fim. Lara encarou como um ato de clemência quando ele começou a não frequentar mais sua cama, e a procurar outras mulheres para satisfazer suas necessidades. Lara nunca conhecera ninguém com tanto vigor físico, tão cheio de energia. Ela quase conseguia acreditar que ele havia sido o único sobrevivente de um naufrágio violento.

Hunter era tão dominador em relação a todos ao redor dele que, durante os dois anos que viveram juntos, Lara sentira a própria personalidade murchar à sombra do marido. E sentira-se grata quando ele partira para a Índia. Deixada por conta própria, ela se envolvera com o orfanato local, dedicando tempo e atenção a melhorar a vida das crianças de lá. A sensação de ser necessária era tão gratificante que Lara logo encontrou outros projetos com que se ocupar: visitar os enfermos e idosos, organizar eventos filantrópicos, chegou até a se arriscar como casamenteira. Quando foi informada da morte do marido, Lara ficou triste, mas não sentiu falta dele.

Nem o queria de volta, pensou, com uma pontada de culpa.



Durante os três dias seguintes, Lara não teve notícias do Sr. Young ou dos Hawksworths. Fez o melhor possível para dar seguimento às atividades cotidianas, mas a novidade havia chegado a Market Hill, espalhada pelos comentários empolgados dos criados do castelo Hawksworth.

A irmã de Lara, Rachel, lady Lonsdale, foi a primeira a aparecer. O caleche laqueado de preto parou a meio caminho do castelo, e a forma esguia de Rachel desembarcou e seguiu desacompanhada ao longo da trilha que levava ao chalé. Rachel era a irmã mais nova de Lara, mas dava a impressão de ser mais velha, já que sua altura e a solenidade gentil de suas feições lhe davam um ar de maturidade.

As duas já haviam sido declaradas as irmãs mais bonitas de Lincolnshire, mas Lara sabia que a beleza de Rachel eclipsava a dela. Rachel tinha feições

clássicas perfeitas: olhos grandes, a boca parecendo um pequeno botão de rosa e um nariz estreito e ligeiramente arrebicado. Em contrapartida, Lara tinha o rosto redondo em vez de oval, e sua boca era larga demais, enquanto seus cabelos escuros muito lisos – que resistiam bravamente aos ferros de cachear – estavam sempre escapando dos grampos.

Lara encontrou a irmã na porta e a fez entrar, animada com a visita. Rachel estava ricamente vestida, o cabelo castanho preso para trás, revelando a ponta delicada do bico de viúva. Seu cabelo e sua pele emanavam um doce aroma de violetas.

– Larissa, minha querida – disse Rachel, olhando ao redor do chalé –, pela milésima vez, por que você não vem morar com Terrell e comigo? Há uma dezena de quartos vagos, e você ficaria muito mais confortável...

– Obrigada, Rachel – disse Lara, abraçando a irmã. – Mas eu não poderia viver sob o mesmo teto que seu marido. Não posso fingir tolerar um homem que não trata você bem. E tenho certeza de que lorde Lonsdale sente o mesmo desafeto por mim.

– Ele não é tão mau assim...

– Rachel, ele é um marido abominável, por mais que você tente fingir o contrário. Lorde Lonsdale não se importa com ninguém além de si mesmo e isso nunca vai mudar.

Rachel franziu o cenho e se sentou perto da lareira.

– Às vezes, acho que a única pessoa, homem ou mulher, de quem Terrell já gostou de verdade foi lorde Hawksworth.

– Os dois eram farinha do mesmo saco – concordou Lara –, a não ser pelo fato de que pelo menos Hunter nunca levantou a mão para mim.

– Isso só aconteceu uma vez – protestou Rachel. – Eu nunca deveria ter contado a você...

– Você não precisou me contar. O hematoma no seu rosto disse o bastante.

As duas ficaram em silêncio, lembrando-se do episódio que ocorrera dois meses antes, quando lorde Lonsdale agredira Rachel fisicamente durante uma discussão. O hematoma no rosto e no olho de Rachel levava semanas para desaparecer, obrigando-a a se esconder em casa para não levantar suspeitas. Agora, Rachel alegava que lorde Lonsdale se arrependia profundamente de ter perdido o controle daquela forma. Ela o perdoara, dissera, e desejava que Lara fizesse o mesmo.

Mas Lara não conseguiria perdoar ninguém que machucasse sua irmã, e

desconfiava que a agressão voltaria a acontecer. O que quase a fazia desejar que Hunter realmente estivesse vivo. Porque, apesar de seus defeitos, ele jamais aprovaria agressões contra uma mulher. Hunter teria deixado claro para lorde Lonsdale que aquele tipo de comportamento era inaceitável. E Lonsdale talvez o tivesse ouvido, já que Hunter era uma das poucas pessoas no mundo que ele respeitava.

– Não vim aqui para falar sobre isso, Larissa. – A expressão de Rachel era carinhosa e preocupada, enquanto ela observava a irmã mais velha se sentar em um banquinho acolchoado aos seus pés. – Ouvi a notícia sobre lorde Hawsworth. Me diga... ele realmente está voltando para casa?

Lara balançou a cabeça.

– Não, é claro que não. Algum maluco em Londres está alegando ser ele. O Sr. Young e o Dr. Slade foram vê-lo, e tenho certeza de que cuidarão para que seja levado para o hospício, se for um louco, ou para a prisão, se criminoso.

– Então não há chance de lorde Hawsworth estar mesmo vivo? – Ao ler a resposta no rosto da irmã, Rachel deixou escapar um suspiro. – Sinto muito por dizer isto, mas fico aliviada. Sei que seu casamento não foi bom. E tudo que eu mais quero é que você seja feliz.

– Desejo o mesmo para você – disse Lara, emocionada. – E você está em uma situação muito pior do que eu jamais estive, Rachel. Hunter estava longe de ser o marido ideal, mas até que nos dávamos bem, a não ser por...

Ela se interrompeu e enrubescou profundamente.

Não era fácil para Lara falar de assuntos íntimos. Ela e Rachel haviam tido uma criação puritana, com pais bondosos, mas distantes. Assim, as duas irmãs tiveram que aprender sozinhas a respeito do ato sexual em suas respectivas noites de núpcias. Para Lara, a descoberta tinha sido bastante desagradável.

Como sempre, Rachel pareceu ler os pensamentos da irmã.

– Ah, Lara – murmurou ela, enrubescendo também. – Acho que lorde Hawsworth talvez não tenha sido tão cuidadoso quanto deveria. – Ela diminuiu o tom de voz e continuou: – Na verdade, fazer amor não é tão péssimo assim. Houve vezes com Terrell, no início do casamento, em que eu realmente achei muito agradável. Nos últimos tempos, é claro, as coisas não são mais assim, mas eu ainda me lembro de como costumava ser.

– *Agradável?* – perguntou Lara, encarando a irmã com espanto. – Desta vez, você conseguiu me chocar. Como é possível que você tenha gostado

de algo tão constrangedor e doloroso está além da minha compreensão... a menos que esteja tentando fazer uma brincadeira de muito mau gosto.

– Ora, irmã. Não houve ocasiões em que lorde Hawksworth a beijou, a abraçou, e você se sentiu interessada e... não sei... mais mulher?

Lara caiu em um silêncio perplexo. Ela não conseguia imaginar como fazer amor – uma expressão irônica para um ato tão repulsivo – poderia *não* ser doloroso.

– Não – respondeu ela, pensativa –, não consigo me lembrar de ter me sentido assim. Hunter não gostava muito de beijar e abraçar. E eu ficava muito feliz quando terminava.

O rosto de Rachel se suavizou com uma expressão de pena.

– Ele alguma vez disse que amava você?

Lara deu uma risada sem humor.

– Meu Deus, não! Hunter jamais admitiria uma coisa dessas – disse, e um sorrisinho curvou seus lábios. – Ele não me amava. Havia outra mulher com quem desejava ter se casado. Acho que Hunter se arrependia com frequência desse erro.

– Você nunca me disse isso! – exclamou Rachel. – Quem era ela?

– Lady Carlisle – murmurou Lara, vagamente surpresa por, mesmo depois de tanto tempo, o nome ainda lhe causar um gosto amargo na boca.

– E como ela é? Você chegou a conhecê-la?

– Sim, eu a vi em algumas ocasiões. Ela e Hunter eram discretos, mas era óbvio que os dois sentiam um enorme prazer na companhia um do outro. Lady Carlisle gostava das mesmas coisas que ele... montar, caçar, gostava de cavalos. Não tenho dúvida de que Hunter a visitava em particular com frequência depois que nos casamos.

– Ora, mas por que lorde Hawksworth não se casou com lady Carlisle?

Lara abraçou os joelhos e abaixou o queixo, encolhendo-se inconscientemente.

– Eu era muito mais nova, enquanto ela já havia passado da idade de ter filhos. Hunter queria um herdeiro... e suponho que ele tenha achado que poderia me moldar ao seu gosto. Eu de fato tentei agradá-lo, mas infelizmente não consegui lhe dar a única coisa que ele queria de mim.

– Um filho – murmurou Rachel.

Pela expressão no rosto da irmã, Lara soube que Rachel estava se lembrando do próprio aborto espontâneo, que havia ocorrido poucos meses antes.

– Nenhuma de nós teve muito sucesso nesse quesito, não é?

O rosto de Lara ardia ao responder à irmã:

– Pelo menos você provou ser capaz de conceber. Com a bênção de Deus, ainda vai conseguir ter filhos algum dia. Já eu, por outro lado, tentei de tudo... tomei tônicos, consultei mapas lunares, fiz um monte de exercícios ridículos e humilhantes. E nada funcionou. Você sabe que, quando Hunter finalmente partiu para a Índia, eu fiquei muito feliz. Foi uma bênção dormir sozinha e não ter que passar todas as noites na expectativa de ouvir os passos dele se aproximando da minha porta.

Lara estremeceu com as lembranças e continuou:

– Eu não gosto de dormir com um homem. Nunca mais quero voltar a fazer isso.

– Pobrezinha – murmurou Rachel. – Deveria ter me contado essas coisas há muito tempo, irmã. Você está sempre tão disposta a resolver os problemas dos outros, e tão relutante em discutir os seus próprios.

– Como eu já disse, isso não teria mudado nada, Rachel – argumentou Lara, fazendo um esforço para sorrir.

– Se dependesse de mim, eu teria escolhido alguém muito mais apropriado para você do que lorde Hawksworth. Acho que nossos pais ficaram tão deslumbrados com a posição social e a riqueza dele que negligenciaram o fato de que vocês não combinavam.

– Não foi culpa deles – disse Lara. – Foi minha... Na verdade, não nasci para ser esposa de ninguém. Nunca deveria ter me casado. Sou muito mais feliz sozinha.

– Nenhuma de nós conseguiu o casamento que esperava, não é? – refletiu Rachel, com uma ironia triste. – Terrell, com suas mudanças de humor, e o palerma do seu marido... dificilmente poderiam ser vistos como príncipes encantados.

– Pelo menos moramos perto uma da outra – lembrou Lara, tentando dispersar a nuvem de tristeza que parecia pairar no ar. – Isso torna tudo suportável, pelo menos para mim.

– Para mim também. – Rachel se levantou, foi até a irmã e a abraçou com força. – Rezo para que, a partir de agora, só lhe aconteçam coisas boas, minha querida. Que lorde Hawksworth descanse em paz... e que você consiga encontrar um homem que a ame como você merece.

– Não reze por isso – pediu Lara, o alarme na voz em parte brincalhão,

em parte sério. – Não quero um homem. Em vez disso, reze para as crianças do orfanato, para a pobre Sra. Lumley, já tão idosa e que está ficando cega, e para o reumatismo do Sr. Peacham, e...

– Você e sua lista sempre crescente de desafortunados – comentou Rachel, sorrindo com carinho para a irmã. – Está certo, rezarei por eles também.



No instante em que Lara pisou na cidade, viu-se inundada por perguntas. Todos ansiavam por detalhes do retorno de lorde Hawksworth do mundo dos mortos. Por mais que repetisse que o aparecimento de Hawksworth em Londres provavelmente era uma farsa, os cidadãos de Market Hill desejavam acreditar no contrário.

Lara entrou na queijaria, uma das muitas lojas que se enfileiravam na rua Maingate, a principal da cidade. O ar recendia ao aroma agradável de leite, ao cheiro pungente que subia das lajotas no chão e dos queijos empilhados nas mesas de madeira. Tão logo pôs os pés ali, o queijeiro comentou:

– Ora, se não é a mulher mais sortuda de Market Hill!

Lara deu um sorriso tímido, pousou a cesta de vime em cima de uma longa mesa e esperou que o homem pegasse o queijo que ela comprava ali toda semana para levar ao orfanato.

– Sou sortuda por muitas razões, Sr. Wilkins – replicou ela –, mas caso esteja se referindo ao rumor sobre meu falecido marido...

– A senhora será uma bela visão – interrompeu o queijeiro, entusiasmado e com uma expressão bem-humorada no rosto jovial. – Mais uma vez a senhora do castelo.

Ele colocou na cesta um queijo de quase trinta centímetros. O coelho macio tinha sido salgado, envolvido em musselina e mergulhado em cera, para garantir um sabor fresco e suave.

– Obrigada – disse Lara, o tom tranquilo –, mas devo lhe dizer, Sr. Wilkins, que estou certa de que a história é falsa. Lorde Hawksworth não vai voltar.

As Srtas. Withers, duas irmãs solteironas já idosas, entraram na loja e se iluminaram de prazer ao ver Lara. Elas usavam toucas idênticas, a aba enfeitada com flores, cobrindo as cabecinhas grisalhas, que se inclinaram uma na direção da outra para trocar um comentário sussurrado. Uma delas

se aproximou de Lara e pousou a mão frágil, com veias azuis aparentes, na manga do seu vestido.

– Minha cara, soubemos da notícia esta manhã. Estamos tão felizes por você, muito felizes mesmo...

– Obrigada, mas não é verdade – insistiu Lara. – Esse homem que alega ser meu marido sem dúvida é um impostor. Seria um milagre se o conde tivesse conseguido sobreviver ao naufrágio.

– Como eu sempre digo, torça pelo melhor até lhe disserem o contrário – falou o Sr. Wilkins.

Nesse exato momento, sua esposa robusta, Glenda, emergiu do fundo da loja e logo tratou de enfiar um buquê de margaridas no canto da cesta de Lara.

– Se alguém merece um milagre, milady, é a senhora – acrescentou Glenda, animada.

Todas aquelas pessoas presumiam que Lara estava feliz com a notícia, que desejava a volta de Hunter. Enrubescida, Lara aceitou com culpa e desconforto os bons votos, e apressou-se a sair da loja.

Desceu a passo rápido a margem sinuosa do rio, passando pelo pequeno cemitério bem cuidado no adro da igreja e por uma sequência de chalés cercados por muros brancos. Seu destino era o orfanato, um solar em mau estado no lado leste da cidade. O solar se erguia entre pinheiros e carvalhos e era um lugar impressionante, construído com arenito e tijolos azuis, e um telhado de azulejos também azuis. O método usado para fazer aqueles azulejos especiais, resistentes ao frio, só era conhecido pelo oleiro da cidade, que esbarrara com a fórmula por acidente e jurava que a levaria para o túmulo.

Lara entrou no prédio, ofegante por ter caminhado uma longa distância carregando uma cesta pesada no braço. O solar já havia sido uma bela moradia, mas, depois da morte do último ocupante, fora abandonado e terminara em ruínas. Doações particulares de cidadãos de Market Hill haviam permitido a restauração da estrutura até torná-la adequada para abrigar duas dúzias de crianças. Mais doações haviam garantido salários anuais para um punhado de professores.

Lara sentia um profundo pesar quando pensava na fortuna que já tivera à sua disposição – quantas coisas poderia ter feito com todo aquele dinheiro! Ansiava por fazer várias melhorias no orfanato. Chegara ao ponto de engolir seu orgulho e abordar Arthur e Janet para pedir uma doação, mas recebera uma recusa fria como resposta. O novo conde e a nova condessa

de Hawksworth acreditavam firmemente que os órfãos tinham que aprender que o mundo era um lugar hostil, e que eles precisavam se esforçar para abrir o próprio caminho.

Lara suspirou e pousou a cesta junto à porta. Seu braço tremia por causa do peso. Viu de relance uma cabeça coberta por cachos castanhos se abaixar em um canto. Devia ser Charles, pensou, um menino rebelde, de onze anos, que vivia procurando novas formas de causar confusão.

– Seria tão bom se alguém me ajudasse a carregar essa cesta até a cozinha...
– falou Lara em voz alta, e Charles apareceu na mesma hora.

– A senhora carregou sozinha até aqui – observou o menino, emburrado.

Lara sorriu para o rostinho cheio de sardas, iluminado por um par de olhos azuis.

– Não seja resmungão, Charles. Me ajude aqui com a cesta, e enquanto vamos até a cozinha você pode me contar por que não está na aula.

– A Srta. Thornton me expulsou da sala – respondeu ele, enquanto erguia a cesta grande e olhava para o queijo com uma expressão faminta.

Juntos, os dois desceram o corredor com o fardo, os passos abafados pelo tapete surrado.

– Eu estava fazendo barulho demais, e não estava prestando atenção à professora.

– Por que, Charles?

– Eu já aprendi o que precisava de matemática, antes de todo mundo. Por que preciso ficar sentado quieto, sem fazer nada, se sou mais esperto que os outros?

– Entendo...

Lara pensou consigo mesma que aquilo provavelmente era verdade. Charles era uma criança inteligente, que precisava de mais atenção do que a escola era capaz de dar.

– Vou conversar com a Srta. Thornton. Nesse meio-tempo, você precisa tentar se comportar.

Eles chegaram à cozinha, onde a Sra. Davies, a cozinheira, cumprimentou Lara com um sorriso. O rosto redondo dela estava rosado por causa do calor do fogão, onde uma enorme panela com sopa era mantida aquecida. Seus olhos castanhos cintilaram com interesse.

– Lady Hawksworth, ouvimos os rumores mais impressionantes na cidade...

– Não é verdade – interrompeu Lara, aborrecida. – É só algum perturbado que está convencido... ou está tentando nos convencer... de que é o falecido conde. Se meu marido tivesse sobrevivido, já teria voltado para casa há muito tempo.

– Imagino que sim – falou a Sra. Davies, parecendo desapontada. – Mas seria uma história muito romântica. Se não se importa que eu diga, milady é jovem e bela demais para ser viúva.

Lara balançou a cabeça e sorriu.

– Estou bastante satisfeita com a minha situação, Sra. Davies.

– Quero que ele continue morto – anunciou Charles, fazendo a Sra. Davies arquejar horrorizada.

– Mas que diabinho é você! – exclamou a cozinheira.

Lara se inclinou até seus olhos estarem no mesmo nível dos do menino, e passou a mão por seus cabelos revoltos.

– Por que diz isso, Charles?

– Se for *mesmo* o conde, a senhora não virá mais aqui. Ele vai fazer a senhora ficar em casa obedecendo às ordens dele.

– Charles, isso não é verdade – retrucou Lara, séria. – Mas estamos perdendo tempo com esse assunto. O conde está morto... e as pessoas não voltam dos mortos.



Lara estava com a saia coberta de poeira da estrada quando voltou a Hawksworth, passando pelos sítios dos arrendatários, com suas cercas de pau a pique feitas de galhos e argila. O sol cintilava sobre a água que corria generosa sob a ponte dos condenados. Quando já se aproximava do seu chalé de pedra, Lara ouviu alguém chamá-la. Ela se deteve, surpresa, ao ver sua antiga criada, Naomi, aproximar-se correndo, com a saia erguida para não tropeçar.

– Naomi, não corra assim! – exclamou Lara. – Vai acabar caindo e se machucando.

A criada robusta arquejava, tanto pelo cansaço quanto pela empolgação febril.

– Lady Hawksworth! – exclamou ela, ainda tentando recuperar o fôlego. – Ah, milady... o Sr. Young me mandou aqui para lhe dizer que... que

ele está aqui... no castelo... estão todos aqui, e... a senhora precisa ir até lá imediatamente.

Lara encarou a outra mulher, sem entender nada.

– Quem está aqui? O Sr. Young mandou me chamar?

– Sim, eles *o* trouxeram de Londres. *Ele* está aqui.

– Ele? – perguntou Lara, a voz débil.

– Sim, milady. O conde voltou para casa.

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

De repente uma noite de paixão

Mais uma vez, o amor

Onde nascem os sonhos

Um estranho nos meus braços

OS HATHAWAYS

Desejo à meia-noite

Sedução ao amanhecer

Tentação ao pôr do sol

Manhã de núpcias

Paixão ao entardecer

Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão

Era uma vez no outono

Pecados no inverno

Escândalos na primavera

Uma noite inesquecível

OS RAVENELS

Um sedutor sem coração

Uma noiva para Winterborne

Um acordo pecaminoso

Um estranho irresistível

Uma herdeira apaixonada

Pelo amor de Cassandra

Uma tentação perigosa

OS MISTÉRIOS DE BOW STREET

Cortesã por uma noite

Amante por uma tarde

Prometida por um dia

editoraarqueiro.com.br

